

Sinto-me às vezes inclinado a afirmar que o Rio Grande do Sul é um dos Estados menos conhecidos e compreendidos da federação brasileira, levando em conta que tem sido, não apenas na sua geografia, mas também e principalmente na sua expressão humana, consideravelmente desfigurado por dois tipos de interpretação: o mitológico e o satírico. De acordo com o primeiro, o extremo meridional do Brasil é, paisagisticamente, um Paraíso Terrestre; quanto à população, um viveiro de heróis atléticos, varonis, generosos, impulsivos, indomáveis - esplêndidas figuras de epopéia. Os partidários da "escola satírica", ao contrário, afirmam que em matéria de beleza naturais a terra gaúcha não possui nenhum pico comparável ao do Itatiaia, nem uma baía como a da Guanabara ou uma cachoeira como a de Paulo Afonso, isso para não falar no rio Amazonas e no fenômeno das pororocas... Para esses caricaturistas, o Rio Grande do Sul é apenas a verde monotonia da pampa, e os gaúchos uns tipos acastelhados - a la fresca! buenas, che! gracias, hombre! - em suma, uma raça de vaqueiros fanfarrões, prontos sempre a decidir tudo a berros, patadas ou cargas de cavalaria. Chegam esses satiristas ao ponto de afirmar que, psicologicamente, o gaúcho pertence mais à área platina do que à brasileira. Usando e abusando dos privilégios que a fantasia me concede, passo a dialogar com um brasileiro hipotético, natural de outro Estado, que não conhece o Rio Grande do Sul mas para lá se dirige, neste exato momento, no seu próprio automóvel.

Instalo-me a seu lado e ofereço-me para ser guia nesta excursão imaginária.

Podemos começar pelo princípio.

Nosso princípio foi apenas ontem. Se deixarmos de lado os territórios, o Rio Grande do Sul pode ser considerado a unidade mais jovem da federação brasileira. Duzentos e alguns anos após o descobrimento do Brasil, estas terras do sul não passavam dum verde deserto, SUL  
1917



natural e perigoso entre a vila de Laguna, último núcleo populacional luso-brasileiro, no extremo sul do litoral de Santa Catarina, e a Colônia do Sacramento, à margem esquerda do Rio da Prata.

Bugres habitavam esta terra de ninguém, uns em tribos nômades, outros estabelecidos no Sete Povos das Missões, sob a direção de missionários jesuítas, que os preparavam para as artes desta e da outra vida, bem como para as lides da guerra neste mundo cruel...

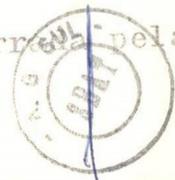
Concordo com o historiador Moysés Vellinho, quando ele conclui que, para a formação histórica do gaúcho, contribuíram principalmente lagunenses, paulistas, gente de várias capitanias, os reinóis, os retirantes da Colônia de Sacramento e numerosas famílias açorianas. Esses foram os troncos dominantes "do homem que se largou nas planuras e se fez campeador e soldado".

Gente brava e forte, imagino, pois do contrário não teria suportado esse tipo de vida.

Uns vinham prear índios, arrebanhar gado chucro e cavalos selvagens. E é natural que muitos esperassem encontrar, no Rio Grande de São Pedro, ouro, prata e pedras preciosas. Bandeirantes paulistas chocaram-se em lutas sangrentas com os índios das missões jesuíticas. Homens vindos de outros pontos do Brasil requereram sesmarias a El-Rey, e não poucos se apoderaram de terras pela força. Foram assim surgidas as primeiras estâncias.

Naturalmente tivemos problemas com os nossos vizinhos de língua espanhola...

Freqüentemente a Coroa da Espanha mandava seus exércitos invadirem o Rio Grande de São Pedro, que passou a ser uma região em estado de guerra quase crônico. Durante mais de cem anos, o Rio Grande foi o campo de batalha do Brasil. A linha de sua fronteira ora avançava do sul para o norte e do oeste para o leste, ao embate das forças espanholas, ora recuava para o sul e para as barrancas do Rio Uruguai, empurrada pelas



armas e pelos peitos de nossos milicianos e campeadores. Em oitenta anos, o Rio Grande do Sul sofreu onze guerras e revoluções. Seus homens viviam de armas na mão, prontos para, ao menor sinal de inimigo no horizonte, trocar as atividades pastoris pelas guerreiras. Suas mulheres raramente tiravam o luto do corpo e do espírito. E essa situação durou, grosso modo, desde as primeiras décadas do século XVIII até o fim da revolução de 1893...

Esse rude e arriscado tipo de vida de nossos primitivos povoadores, essa nossa condição de fronteira em armas acabou plasmando uma figura humana que se caracterizou pela coragem, pela afoiteza, pela resistência física, pelo amor à liberdade e eu diria até que por um certo gosto pela guerra. É natural que esse tipo de brasileiro meridional se tenha assemelhado - na indumentária, nos hábitos alimentares e de trabalho - ao campeador argentino e uruguaio. (O termo gaúcho nos veio do outro lado da fronteira e, adotando-o, nós lhe deslocamos a tônica...) É que esses três tipos de gaúcho nasceram, viveram, trabalharam e proliferaram no mesmo ambiente, exerceram as mesmas atividades pastoris e bélicas; estiveram, em suma, sujeitos, em maior ou menor grau, às mesmas influências históricas. Isso explica o fato de existirem vocábulos e frases castelhanas no nosso linguajar e termos e expressões portuguesas na habla argentina e uruguaia, pois é sabido que não existe fronteira completamente estanque. Você observará que os espanholismos estão desaparecendo aos poucos de nosso vocabulário coloquial, sendo, hoje em dia, mais escassos por aqueles que cultivam um gauchismo saudosista, de caráter festivo.

Mas devagar com o andar! O gaúcho existiu, foi idealizado e divulgado e verso por escritores, professores, oradores cívicos e políticos. Sua imagem foi reproduzida por artistas plásticos, em geral de péssima qualidade. Em suma, acabou virando arquétipo e figura mitológica.

É lamentável que boa parte de nossa literatura e de nossa oratória, bem como alguns livros de texto escolar, não tenham acertado o passo com a História, registrando as mudanças que o tempo e o progresso econômico



e social operaram no homem do Rio Grande do Sul, a meu ver, sem o menor prejuízo para o que havia de melhor no seu caráter.

Falamos dum jeito... digamos "largado"; enfático e autoritário, e tudo ou quase tudo que dizemos parece assumir um tom de provocação ou desdém. Isso, na minha opinião, tem como causa remota as nossas atividades campeiras - "Repona aquela res!" - "Laça aquele petro!" - "Toca essa tropilha pra invernada!" - e pelos gritos de guerra dos tempos heróicos, tudo numa paisagem vasta, aberta, desafogada, em que as vozes humanas e o vento nem sempre estavam do mesmo lado, ajudando-se, mas com freqüência se chocavam e atracavam no ar, numa espécie de corpo-a corpo.

Falamos dum jeito seco... e não comen<sup>o</sup>s as letras.

Língua de carnívoro com bons dentes, amigo. Creio que existe uma misteriosa relação entre o modo de falar dum povo e a consistência de seus alimentos.

O gaúcho de hoje tanto pode ser um sujeito de pele clara, cabelos louros e olhos azuis, chamado Erwin Müller, como um robusto ragazzo corado, que atende pelo nome de Nino Morandi, ou ainda um tipo moreno de pelo duro e apelido português, como este que está sentado a seu lado. Porque o Rio Grande do Sul é o cadinho racial mais ricamente sortido do Brasil. Neste verde "caldeirão", onde outrora burlequeavam índios, os primeiros povoadores puseram a ferver uma rica sopa em que entrou a honra da açorda açoriana, à qual se misturaram todos aqueles elementos indicados por Vellinho e também - já que não era difícil cruzar a fronteira - alguns ingredientes castelhanos. O Tempo e a História, com seus caprichosos temperamentos, temperaram essa sopa com ervas indígenas, mais tarde, atingiram, no caldeirão, o repolho alemão, a mangueira italiana, bem como pitadas de especiarias, não só de origem europeia, mas também oriental. Que aspecto e gosto terá essa sopa quando pronta. Esse prato, amigo, está reservado para o paladar do futuro.



Acredito na existência dum "inconsciente coletivo", influência



do ambiente físico e nos imponderáveis da História. O tipo gaúcho celebrado pela lenda e pela literatura, de algum modo, continua exercendo uma certa influência sobre o homem moderno. Existem, em nosso Estado, muitos "centros de tradições", cuja finalidade é a de - através de danças, cantigas, indumentárias, hábitos de vida e até de comportamento social - cultivar o espírito do velho Rio Grande, tal como ele nos chegou, através de livros, lendas e da tradição oral. Ficou, por assim dizer, no nosso inconsciente coletivo a imagem idealizada do campeador d'antanho, a idéia de que ser um gaúcho autêntico é possuir as virtudes morais desse arquétipo semi-lendário desaparecido no tempo, a saber: a virilidade, o cavalheirismo e as virtudes da leal amizade e da hospitalidade. E você encontrará, como sócios entusiastas desses nossos grêmios tradicionalistas, moços com nomes italianos, alemães, poloneses, árabes lituanos, etc... Na minha opinião, esses netos e bisnetos de imigrantes buscam, talvez inconscientemente, fincar raízes no solo gaúcho, terminando o seu "processo de naturalização", muito além do mero acidente geográfico do nascimento.

Preste atenção à maciça gravidade desses verdes que nos cercam. Vamos subir a serra. Pare o carro aqui na coroa deste cerro. Atente na beleza repousada e digna desta região. É o vale do Rio das Antas. Espero que um dia tenhamos aqui um bom hotel e muitos turistas. Mas atente nesta luz! Foi bom você ter vindo em maio. Temos, no sul, quatro estações distintas, como na Europa, embora eu não ouse responsabilizar-me pela sua constância ou regularidade... Estamos agora no outono, minha estação favorita. O sol derrama sobre a paisagem o seu ouro mel. E, agora, aqui vamos subindo e descendo, numa espécie de tobogã rica de clorofila.

Note que a paisagem mudou. Campinas planas, um verde meio pardo-cento. Interessantes essas cercas de pedra... esses pinheiros em forma de taça, que lembram os do Paraná.

É que estamos nos campos da Vacaria. O ar é límpido e a brisa traz



já uma picante premonição de inverno. Encontramo-nos a mais de mil metros acima do nível do mar. Aquela cidade lá longe? Vacaria. Ali se realiza, anualmente, um Rodeio, que já conquistou fama internacional, pois nele tomam parte, além de nossos melhores campeiros, gaúchos argentinos e uruguaios e até cow-boys do Texas, atraindo também correspondentes e fotógrafos de revistas e jornais de várias partes do mundo. Nessa festa há torneios de equitação e provas, em que domadores, laçadores e cavaleiros exibem suas proezas.

Ainda não encontramos nenhum gaúcho a caráter?

Há! Agora avisto um na estrada... Prepare-se para uma decepção. O homem está montado num pingo de porte diminuto e ele próprio, o cavaleiro, não é de compleição atlética. Suas roupas, em tons de cinza e pardo, são pobres: nada de esporas e estribos de prata, aperos finos, botas lustrosas, bombachas marchetadas de botões de madrepérolas. Mas posso garantir-lhe que esse gaúcho é autêntico e não de palco ou parada. Enxuto de carnes, parco de palavras, reservado no trato, ele se parece um pouco com o mineiro. Viu a cara do homem? Queimada do sol, marcada de rugas, curtida pela intempérie. Traz entre os dentes o palheiro aceso. Aposto que não gosta de pelear, mas briga lindo quando provocado. Ocorre-me agora que, apesar de todo o contingente de sangue europeu que entrou na formação de nosso Estado, existe ainda uma espécie de "caboclo", representado por tipos como esse por quem se passa o tempo que é, de certo modo, ainda um dos selos de autenticidade do gaúcho.

Agora quero mostrar-lhe uma das mais deslumbrantes paisagens deste extremo sul do Brasil. Estamos agora (trave o carro) no alto dos Aparados da Serra, o ponto em que o planalto termina abruptamente num precipício a pique, com a face voltada para o nascente. Lá está o nosso mar... Sejamos sinceros, não tem a beleza dos verdes dos mares de Iracema nem os vivos azuis do mar dos saveiros de Jorge Amado. A cor do nosso, nos melhores dias, puxa para o violeta ou para um verde que lembra as pessegadas da minha infância. Se quer ver uma praia acidentada, com belos



penhascos de basalto, podemos descer a Torres... Mas o melhor é irmos ver o Taimbézinho, o nosso grand canyon, mais uma fantasia da natureza: um corte largo e profundo na rocha do planalto, duas escarpas que se defrontam, empinadas e ásperas, formando um canhação, um abismo parcialmente coberto de vegetação. As pedras desse canyon vão mudando de cor - aço, cinza azulado, violeta, rosa, laranja, pérola - de acordo com a posição do sol, a hora do dia. Meu amigo, o Brasil precisa descobrir o Taimbézinho. E veja como um diminutivo inicente pode designar algo de grandioso. Coisas de linguagem... Mas continuemos nossa viagem.

Essas caras estrangeiras que estamos encontrando na estrada? Esses olhos azuis, verdes e cinzentos? Esses cabelos claros? Essas faces coradas?

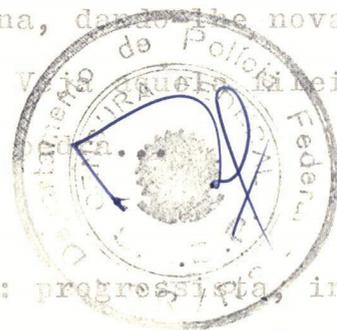
É que estamos em plena região colonial italiana. Os imigrantes alemães que chegaram ao Rio Grande do Sul, a partir de 1824, estabeleceram-se nos vales do rio dos Sinos, do Taquari e do Caí. Os imigrantes italianos, que vieram para cá, em 1874, não tiveram outro remédio, senão subir a serra, mas, pelo que estamos vendo, nada perderam com isso...

Olhando esta paisagem, a gente pensa em cartões postais com vistas da Europa. Seus verdes não me parecem de trópico.

Os italianos, povo essencialmente plástico, por assim dizer, pintaram, ou melhor, retocaram esta paisagem serrana, dando-lhe novas cores com suas hortas, roças, pomares e vinhedos. Vinha de ciprestes dum verde quase negro. Essas casas de

E lá longe, edifícios tão altos?

Caxias do Sul. Uma São Paulo em miniatura: progressista, incansavelmente ativa, consideravelmente industrializada, com uma população que tem um excelente nível de vida. É a capital da uva e do vinho. Venha visitá-la, em março, para assistir à Festa da Uva: feiras, carros alegóricos, paradas, bonitas raparigas em trajos regionais italianos de mistura com "prendas" gaúchas, muito vinho nas cantinas... e as mais deliciosas uvas que você possa imaginar.



A propósito entremos neste restaurante, vamos comer um prato típico gaúcho.

Mas nesse particular, não temos muito que oferecer. O norte e o nordeste do Brasil, principalmente a Bahia, são mais ricos que nós, em matéria de culinária. Sugiro um churrasco, delicioso lugar-comum gastronômico desta terra. Ou um galetto al primo canto que, por mais estranho que pareça, nestes últimos tempos tornou-se um "prato típico gaúcho". Está satisfeito? Bom... Frutas? Por um passe de magia, altero, instantaneamente, o calendário; estamos de súbito em dezembro, e aqui lhe apresento os nossos pêssegos, recomendando-lhe especialmente os chamados "deliciosos", estes pequeninos e brancos, de polpa macia, e que se derretem na nossa boca, doces como mel. Agora conjuro o inverno, para que você possa provar nossas laranjas e as nossas gordas bergamotas, que é o nome que aqui damos às tangerinas. E ainda lhe ofereço figos! E ameixas! E peras! E ananases! Está feliz? Voltemos então ao automóvel para continuar a viagem

Descemos depois a serra por uma estrada que serpenteia por entre montes, cerros e vales, passando por casas de colonos, em meio de pinheiros e ciprestes, cinamomos, casuarinas e árvores frutíferas.

Os caquizeiros nesta época do ano (retornamos milagrosamente ao outono) apresentam folhas em gradações cromáticas que vão do vermelho de ferrugem ao amarelo, passando pelo laranja queimado. E as folhas amarelentas dos <sup>plátanos;</sup> plásticos caem, parodiando Verlaine... De quando em quando avançam, na direção de nosso carro, meninas e meninos, que nos oferecem suas mercâncias: favos de mel, ovos, rapaduras, abóberas, em suma, frutos da terra. A incidência de cabelos louros vai aumentando na estrada, à medida em que descemos. Ali vai uma menina com cabelos de linho. Estamos entrando na zona colonial alemã. As fronteiras <sup>as fronteiras</sup> ~~as fronteiras~~ misturam-se... Mas observe a paisagem. Ela lembra as ~~as~~ <sup>as</sup> ~~fronteiras~~ <sup>fronteiras</sup> de Reno, a Toscana, a Úmbria, a Virgínia americana.



Vou ousar um exagero. Não precisamos deixar o nosso País para ver quase todas as paisagens do mundo.

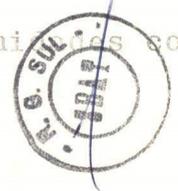
Se eu invocar o inverno, mas um inverno bem rigoroso, teremos neve em Bom Jesus, a localidade mais alta deste Estado, em Gramado, Canela e São Francisco de Paula. Gramado e Canela são cidades de veraneio, duma graça alpina, onde no verão as hortênsias enchem os jardins e orlam as suas estradas. É nessas pequenas cidades montanhosas que os habitantes de Porto Alegre buscam refrigério e paz no forte do verão.

Agora é Novo Hamburgo, a contrapartida alemã de Caxias. Sólida, industrialmente importante, é a capital do couro. Aqui se fabricam excelentes sapatos que são exportados, não só para o resto do Brasil, como também para o estrangeiro.

Outra cidade à beira dum rio?

São Leopoldo, sobre o Rio dos Sinos que, segundo o romance de Vianna Moog, é "o rio que imita o Reno". E outra comunidade alemã de grande encanto é Santa Cruz, importante centro manufatureiro e agrícola, situado na zona do fumo. Sabor alemão encontraremos também em Estrela, Lageado, Montenegro e São Sebastião do Caí...

Pouco adiante de Novo Hamburgo, tomamos a direção do Rio Taquari, e seguimos pela Estrada da Produção até Soledade, Passo Fundo, Não resisto ao desejo de fazer mais um passeio, substituindo maio por novembro, para que meu visitante possa apreciar o espetáculo de grandes plantações de trigo, na época de seu amadurecimento. (Seria vulgar repetir ao meu companheiro a batida imagem das cabeleiras louras ao vento, ou falar no ouro das espigas, etc...) Seja como for, o turista está deslumbrado ante estas suaves elevações de terreno cobertas de trigo, no meio das quais se erguem, a intervalos, árvores esguias, dum verde quase negro tudo isso num contraste com o vermelho alaranjado do solo. E, depois de passar pelas prósperas faixas do trigo e da soja, tocamos para o noroeste do Estado, visitamos comunhões como



Santa Rosa, Santo Ângelo, Erechim, onde o cadinho racial gaúcho ferve com mais variedade de ingredientes e podemos verificar a atividade produtiva desta região, bem como seu rico "sortimento" de tipos humanos das mais variadas origens étnicas. Nos arredores de Santo Ângelo mostro ao meu amigo as ruínas da imponente Igreja da missão jesuítica de São Miguel - a mais importante do Sete Povos - e como nos aproximamos desse momento histórico à hora do poente, suas paredes de arenito vermelho parecem arder num incêndio frio. E se, lembrando o conhecido soneto, eu dissesse ao meu convidado que "aqui outrora bimbalharam sinos", ele teria todo o direito de me empurrar para fora do automóvel...

Naturalmente ao atravessarmos o município de Cruz Alta, minha terra natal, chamo a atenção para a beleza de seus campos ondulados, dum verde vivo e macio, cortada de estradas e barrancos, em que a terra é ora dum ocre alaranjado ora dum vermelho de sangue boi. O meu companheiro declara que esta é a paisagem gaúcha que ele imaginava e eu lhe explico que estamos no Planalto Médio e que é a essas ondulações de terreno que damos o nome de coxilhas. Tenho, porém, a lealdade de lhe informar que a parte do Rio Grande mais associada pela literatura, pela história e pelo folclore, ao tipo mitológico do gaúcho, a região de sua atividade pecuária, é a chamada Campanha.

Que vem a ser a Campanha?

Sem rigor científico, é o nome genérico que damos a estas planícies alternadas com coxilhas baixas que ocupam a metade meridional do Estado, e que se estendem da borda inferior da Lagoa dos Patos até as fronteiras com a Argentina e o Uruguai. Bagé será a nossa próxima parada. É curioso: as estórias e anedotas em torno de duelos, atos de bravura e bravatas são geralmente atribuídas aos homens deste município. No entanto, esta gente é civilizada e amável, bem como a que encontramos nas sofisticadas cidades de Livramento e Uruguaiana, em que a nota tônica tem sido sempre a mais quente hospitalidade.



Numa das estâncias da Campanha, onde passamos dois dias, meu companheiro comeu a fartar e teve a oportunidade de andar a cavalo, e ver de perto as atividades campeiras, como: laçar, domar, marcar e parar rodeio. Na sua opinião, os habitantes da Campanha são mais expansivos e brincalhões que os da zona colonial ou do Planalto Médio. Explico cada região cultivada e seu tipo particular de humor.

Percorremos as cidades da beira do rio Uruguai, pequenas, pacatas, algumas como que paradas no tempo, mas todas comovedoramente acolhedoras.

Meu amigo não podia deixar a terra gaúcha sem antes visitar Pelotas, aristocrática, tradicionalista, famosa pelos seus doces e pelas mansões de suas "grandes famílias". A cidade de Rio Grande, sólida e bem plantada à beira do mar, pareceu-lhe um burgo anseático. Dentro de alguns anos terá o maior e o mais moderno porto da América Latina.

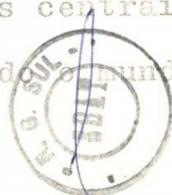
Não posso esquecer Santa Maria, encruzilhada ferroviária e cultural, clara e alegre, em meio de seus morros verdes, com uma grande população estudantil e com a sua admirável universidade da América do Sul que possuem um campus, à maneira das universidades dos Estados Unidos.

Atravessamos a sucessão de pontes que, com cabeceiras apresentadas em várias ilhas, nos leva da margem direita do Guaíba para a esquerda, onde está situada Porto Alegre. O Guaíba é um largo e longo estuário (parece mais um lago) que recebe as águas de cinco rios. Das pontes avistamos o nítido perfil dos arranha-céus da capital do Rio Grande. Gabam-se os bairristas de que a Grande Porto Alegre, em matéria de população, já entrou na casa do milhão. Isso não me faz muito feliz, pois é sinal de que o antigo burgo açoriano, vai perdendo aos poucos os seus derraideiros encantos provincianos. Suas ruas, em geral estreitas sofrem o tráfego espesso e às vezes desordenado e a poluição do ar já começa. O prefeito competente e operoso está construindo viadutos, túneis e abrindo novas avenidas para resolver o problema do trânsito de



Passamos pela zona industrial, riçada de chaminés, e conhecida pelo nome de Navegantes, pois fica à beira do estuário. O bairro vizinho chama-se floresta e pode-se dizer que nele se instalou, em idos tempos, uma classe média de ascendência alemã, ao passo que as grandes famílias de origem germânica - capitães de indústria, negociantes fortes, banqueiros, membros das profissões liberais - construíram seus palacetes ao longo da avenida Independência, que se estende do centro da metrópole até um bairro residencial considerado "bem": os Moinhos de Vento.

T No centro! Não espere monumentos arquitetônicos antigos, relíquias históricas. Os poucos que tínhamos, como a velha igreja da Nossa Senhora do Rosário, foram demolidos. Ruge também aqui uma fúria imobiliária. É o progresso, que saúdo com alegria, mas que não aceito como desculpa para atentados ao bom senso e o bom gosto. Nossa arquitetura era entre incaracterísticas e horrenda. Duns vinte anos a esta data as novas turmas de arquitetos formados pela nossa Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, estão mudando para melhor - muito melhor! - a face da cidade. Porto Alegre está construída sobre uma série de colinas e vales. Se você quiser saber quais são as mais notáveis especialidades desta capital sulina, eu lhe direi sem hesitar: "Poentes fantásticos e belas mulheres". Aqui do alto deste morro, onde estão localizadas duas de nossas três estações de televisão, e de onde se nos oferece um panorama incomparável - o Guaíba, a cidade lá em baixo, o grande estádio do S.C. Internacional, com capacidade para 100.000 espectadores, os suaves verdes da outra margem do estuário, onde branquejam as casa da pequena cidade de Guaíba - aqui desta eminência batida de ventos, vamos esperar que o sol desça, para podermos ver um crepúsculo que durará mais de uma hora, em mutações de cores e formas, tanto mais variadas quanto mais nuvens houver no horizonte. Mas, respaldado para o centro da cidade, que é uma espécie de promontório que avança pelas águas adentro, como a proa dum enorme navio imóvel. Caminhos pelas ruas centrais. A via pública oficialmente chamada dos Andradas, mas que todo o mundo



conhece como Rua da Praia, é a artéria mais movimentada da cidade, no que diz respeito a trânsito humano. Ninguém sabe ao certo o que fazem esses homens de todas as idades que caminham dum lado para outro, numa extensão de quatro quadras, ou que ficam pelas esquinas e à beira das calçadas a conversar ociosamente, como numa sala de visita. Vista do alto, parece uma rua comercial de Hong Kong, ou as muitas Calles de Serpes da Espanha. Só "lembra", porque é outra coisa: uma espécie de mostuário do Rio Grande. Os habitantes desta metrópole sulina movem-se numa cadência, que é um meio termo entre a lentidão característica da gente latina e a velocidade ianque dos paulistas. Desconfio, porém, que estamos começando a emular São Paulo, na pressa, na ânsia de progresso e na contaminação do ar. Mas nem tudo está perdido. Porto Alegre possui um encanto particular. E, nas colinas de Petrópolis, no alto da Bela Vista ou em bairros como Teresópolis, Vila Conceição e Vila Assunção, ainda se respira ar puro sob um céu translúcido.

Mas você me falou nas mulheres?

Ah! Elas andam por aí. Fique de olho aceso. As gaúchas podem não ter a graça das cariocas, mas são belos exemplares humanos, bonitas, esportivas, produtos já do cadinho de que lhe falei.



E à noite, que é que se faz nesta cidade?

Porto Alegre tem já uma animada vida noturna. Ao longo da Avenida Independência você encontrará várias bôites de nuit e bares com música. Só acho que você está um pouco "crescido" para frequentar certos "infernhinhos", onde um varão de trinta anos é já considerado um ancião. Mas, se quiser ouvir cantigas e ver danças e trajos do velho Rio Grande, eu falo com o Paixão Cortes ou com o Antonio Fagundes e eles lhe poderão proporcionar uma exibição especial dum desses muitos centros de tradições gaúchas da cidade. Mas, por ora, sugiro que caminhemos por estas ruas, atentos a tudo. Você verá que Porto Alegre é uma cidade "diferente". É possível que encontremos, na Praça da Alfândega ou arredores, o Mário Quintana, o nosso incomparável poeta, ou pelo menos o seu fantasma.

